



Município de Santo Antonio do Sudoeste Estado do Paraná

CNPJ: 75.927.582/0001-55

Avenida Brasil, 621 – Centro – Fone: 46 3563 8000

E-mail: planejamento@pmsas.pr.gov.br

MEMORIAL DESCRITIVO E DE DIMENSIONAMENTO

PAVIMENTAÇÃO ASFÁLTICA

APRESENTAÇÃO

O Município de Santo Antonio do Sudoeste entrega nesta oportunidade os presentes projetos de pavimentação asfáltica sobre poliédricos para a revitalização de logradouro localizado no município de Santo Antonio do Sudoeste – PR.

OBRA

Trata-se da execução dos serviços de pavimentação asfáltica em CBUQ na Estrada Rural, Comunidade Cerro Negro ao KM 10. O projeto atende 9.875,00m de extensão, com largura de 6,00 metros conforme projeto na maioria do trecho, apenas dentro do KM 10, a largura é de 7,00m, e uma área de 59.480,00m² de pavimentação.

O projeto deste logradouro tem como objetivo melhorar, através da execução do recapeamento asfáltico, sinalização e drenagem, a via de acesso as comunidades Cerro Negro e KM 10.

O presente Memorial Descritivo apresenta as etapas a serem realizadas na obra, abordando as especificações dos materiais e equipamentos a serem utilizados e a forma de realização do controle tecnológico.

PROPRIETÁRIO

Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Sudoeste.

1. ESTUDOS TOPOGRÁFICOS

Os estudos topográficos necessários à execução do projeto consistem em levantamentos pelos quais se caracteriza fielmente o pavimento existente, alvo do estudo, pela ótica planialtimétrica.

Os estudos foram programados de forma a se obter:

- Materialização dos eixos de locação;
- Nivelamento e contranivelamento do eixo e dos bordos da pista de rolamento;
- Levantamento de seções transversais;
- Levantamentos Complementares

1.1 Metodologia

Os levantamentos foram realizados a partir do eixo da via existente, executando o estaqueamento de vinte em vinte metros, e segue a metodologia da topografia convencional, com a utilização de aparelhos tipo GPS com precisão adequada a cada tipo de serviço.

Para a elaboração do projeto geométrico, se fez necessários alguns levantamentos complementares, tanto planimétricos quanto altimétricos dos cruzamentos, bueiros etc.

2. DRENAGEM DE ÁGUAS PLUVIAIS

Por ser uma via consolidada, a drenagem existente atende parcialmente a destinação ao escoamento superficial para a proteção do corpo estradal da ação prejudicial das águas que o atingem, seja por meio das precipitações, das infiltrações, da condução através de talvegues, ou mesmo, das existentes sob a forma de lençóis freáticos ou artesianos.

Faz-se necessária apenas a execução de algumas tubulações e limpeza laterais da via, conforme projeto, sendo que esses serviços serão efetuados pela Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Sudoeste, também haverá a necessidade de remoção de árvores (pinus com diâmetros menor que 20cm), que serão de inteira responsabilidade do município.

3 - PROJETO DO PAVIMENTO

No projeto, as estacas estão distribuídas a cada 20,00m ao longo do comprimento da via, sendo assim a extensão total do trecho a ser pavimentado é de 9.875,00 metros.

Para a base será utilizada a camada de pavimentação poliédrica existente, posteriormente a empresa contratada deverá executar uma reperfilagem em CBUQ com espessura de 4cm o revestimento de capa em CBUQ com espessura de 3,0cm.

4 INSTRUÇÃO DOS SERVIÇOS DE EXECUÇÃO DA BASE

4.1 REGULARIZAÇÃO DO SUBLEITO

A regularização é um serviço que visa conformar o leito transversal e longitudinal da via pública, compreendendo cortes e ou aterros, cuja espessura da camada deverá ser de no máximo 20 cm. De maneira geral, consiste num conjunto de operações, tais como aeração, compactação, conformação etc., de forma que a camada atenda as condições de grade e seção transversal exigidas. Toda a vegetação e material orgânico porventura existente no leito da rodovia, deverá ser removido. Após a execução de cortes e adição de material necessário para atingir o greide de projeto, deverá ser feita uma escarificação na profundidade de 0,20m, seguida de pulverização, umedecimento ou secagem, compactação e acabamento. Os aterros, se existirem, além dos 0,20m máximos previstos, deverão ser executados de acordo com as Especificações de Terraplenagem do DNIT/PR. No caso de cortes em rocha, deverá ser prevista a

remoção do material de enchimento existente, até a profundidade de 0,30m, e substituição por material de camada drenante apropriada. Os cortes serão executados rebaixando o terreno natural para chegarmos à grade de projeto, ou quando se trata de material de alta expansão, baixa capacidade de suporte ou ainda, solo orgânico. Os aterros são necessários para a complementação do corpo estradal, cuja implantação requer o depósito de material proveniente de cortes ou empréstimos de jazidas. O aterro compreende descarga, espalhamento e compactação para a construção do aterro ou substituir materiais de qualidade inferior, previamente retirado. A camada de regularização deverá estar perfeitamente compactada, sendo que o grau de compactação deverá ser de no mínimo 95% em relação a massa específica aparente seca máxima obtida na energia Proctor Intermediário.

Nessa obra será utilizado como subleito a pavimentação poliédrica existente, não será necessário a sua regularização com motoniveladora para conformação da plataforma.

4.2 CONSTRUÇÃO DE DRENOS SUB-SUPERFICIAIS

Os locais que apresentarem excesso de umidade no subleito deverão ser escavados e feitos drenos subsuperficiais com a utilização de pedras rachão. Esta umidade deverá ser encaminhada para um local fora do corpo estradal, tomando-se os devidos cuidados com o caimento do referido dreno. Após, deverá ser substituída a sub-base e a base por materiais novos, livres de impurezas, tudo de acordo com as especificações do DNIT/PR. Caso haja a necessidade de execução de drenos será executado pela Prefeitura Municipal.

4.3 BASE DE RACHÃO BRITADO PREENCHIDO COM PÓ

Macadame seco é a camada granular composta por agregados graúdos, preenchidos a seco por agregados miúdos, cuja a estabilidade é obtida pela ação mecânica energética de compactação. A execução faz-se com o espalhamento de

uma camada de espessura uniforme e homogênea, uniforme solta, após espalhado deve se passado rolo liso, em vez única sem vibração. O material de enchimento e travamento deve obedecer a faixa granulométrica específica (conforme o material graúdo), espalhado o mais seco possível com motoniveladora ou distribuidor de agregados, em quantidade suficiente para preencher os vazios do agregado graúdo, a aplicação deve ser feita quantas vezes necessário, sem excessos superficiais, a compactação e feita com rolo liso vibratório. Esse serviço será executado nos remendos profundos e nos drenos. Caso haja a necessidade de execução de Macadame será executado pela Prefeitura Municipal.

4.4 BASE DE BRITA GRADUADA

A mistura de agregados para a base deve apresentar-se uniforme quando distribuída no leito da estrada e a camada deverá ser espalhada de forma única com espessura compactada de 15 cm. O espalhamento da camada deverá ser realizado com a utilização de motoniveladora. Após o espalhamento, o agregado umedecido deverá ser compactado com equipamento apropriado. A fim de facilitar a compressão e assegurar um grau de compactação uniforme, a camada deverá apresentar um teor de umidade constante e dentro da faixa especificada no projeto. O grau de compactação mínimo a ser requerido para cada camada de base, será de 100% da energia AASHTO Modificado. A referida base de ração deverá estar enquadrada na Faixa “C” do DNIT/PR. Caso haja a necessidade de execução de Brita Graduada será executado pela Prefeitura Municipal.

5 INSTRUÇÃO DOS SERVIÇOS DE RECAPE EM CBUQ

5.1 Revestimento em Concreto Betuminoso Usinado à Quente

É uma mistura executada a quente, em usina apropriada, com características específicas, composta de agregado graduado, material de

enchimento (filler) se necessário e cimento asfáltico, espalhada e compactada a quente em temperaturas adequadas.

Só deve ser fabricado, transportado e aplicado quando a temperatura ambiente for superior a 10º C.

Será utilizado o CBUQ tipo CAP 50/70 - faixa C, conforme classificação do DER/PR ES P21/05.

Foi adotada para cálculo de quantidades densidade do C. B. U. Q. igual a 2,5t/m³.

Deverão ser realizados ensaios durante a execução da obra, pela empresa contratada, para comprovar quantidade e densidade do material empregado.

5.2 Pintura de Ligação

É a pintura asfáltica de ligação executada com a função básica de promover a aderência ou ligação da superfície da camada pintada com a camada asfáltica a ser sobreposta. É aplicada em camadas de base, em camadas de ligação ou intermediárias de duas ou mais camadas asfálticas na construção de pavimentos flexíveis e ainda sobre antigos revestimentos asfálticos, previamente a execução de um reforço, recapeamento ou rejuvenescimento superficial.

A pintura de ligação deverá ser feita com emulsão asfáltica de ruptura rápida RR-1C e RR-2C conforme indicado em projeto.

Deverá ser executado de acordo com a norma DER/PR ES P 17/05.

5.3 Imprimação

Consiste na aplicação de camada de material betuminoso sobre toda a superfície da brita graduada concluída, antes da execução do revestimento betuminoso, objetivando conferir coesão superficial, impermeabilizar e permitir condições de aderência entre esta e o revestimento a ser executado. O ligante betuminoso não deve ser aplicado quando a temperatura ambiente for superior a

10° C, nem em dias de chuva. A imprimação será feita com asfalto diluído de cura média do tipo CM –30.

Deverá ser executado de acordo com a norma DER/PR ES P 17/05. Neste projeto não será executado imprimação com CM-30. Caso haja a necessidade de execução de Imprimação será executado pela Prefeitura Municipal.

6 CONTROLE TECNOLÓGICO

O controle tecnológico de todos os materiais, solo e concreto asfáltico utilizados nos diversos serviços da obra em causa serão de responsabilidade da Contratada. Os custos deste serviço deverão ser diluídos nos preços unitários de cada serviço constante na planilha de preços e será feito por firma idônea especializada. Devem ser apresentados à fiscalização todos os laudos dos ensaios realizados acompanhados da Anotação de Responsabilidade Técnica emitida por profissional habilitado.

6.1 Controle Temperatura do ligante

A temperatura do cimento asfáltico empregado na mistura deve ser determinada para cada tipo de ligante, em função da relação temperatura-viscosidade. A temperatura conveniente é aquela na qual o cimento asfáltico apresenta uma viscosidade situada dentro da faixa de 75 a 150 SSF, “Saybolt-Furol” (DNER-ME 004), indicando-se, preferencialmente, a viscosidade de 75 a 95 SSF. A temperatura do ligante não deve ser inferior a 107°C nem exceder a 177°C.

6.2 Controle dos Insumos

Todos os materiais utilizados na fabricação de Concreto Asfáltico (Insumos) devem ser examinados em laboratório, obedecendo à metodologia indicada pelo DNIT, e satisfazer às especificações em vigor.

6.2.1 Cimento Asfáltico

O controle da qualidade do cimento asfáltico consta do seguinte:

- 01 ensaio de penetração a 25°C (DNER-ME 003), para todo carregamento que chegar à obra;
- 01 ensaio do ponto de fulgor, para todo carregamento que chegar à obra (DNERME 148);
- 01 índice de susceptibilidade térmica para cada 100t, determinado pelos ensaios DNER-ME 003 e NBR 6560;
- 01 ensaio de espuma, para todo carregamento que chegar à obra;
- 01 ensaio de viscosidade “Saybolt-Furol” (DNER-ME 004), para todo carregamento que chegar à obra;
- 01 ensaio de viscosidade “Saybolt-Furol” (DNER-ME 004) a diferentes temperaturas, para o estabelecimento da curva viscosidade x temperatura, para cada 100t.

6.2.2 Agregados

O controle da qualidade dos agregados consta do seguinte:

6.2.2.1 Ensaios eventuais

Somente quando houver dúvidas ou variações quanto à origem e natureza dos materiais.

- ensaio de desgaste Los Angeles (DNER-ME 035);
- 02 ensaios de granulometria do agregado, de cada silo quente, por jornada de 8 horas de trabalho (DNER-ME 083);
- 01 ensaio de equivalente de areia do agregado miúdo, por jornada de 8 horas de trabalho (DNER-ME 054);

– 01 ensaio de granulometria do material de enchimento (filer), por jornada de 8 horas de trabalho (DNER-ME 083).

6.3 Controle da Usinagem do Concreto Asfáltico

Controles da quantidade de ligante na mistura:

Devem ser efetuadas extrações de asfalto, de amostras coletadas na pista, logo após a passagem da acabadora (DNER-ME 053).

A porcentagem de ligante na mistura deve respeitar os limites estabelecidos no projeto da mistura, devendo-se observar a tolerância máxima de $\pm 0,3$.

Deve ser executada uma determinação, no mínimo a cada 700m² de pista.

6.4 Controle da Graduação da Mistura de Agregados

Deve ser procedido o ensaio de granulometria (DNER-ME 083) da mistura dos agregados resultantes das extrações citadas na alínea "a" da NORMA DNIT 031/2006 –ES, Item 7.5, pagina 12. A curva granulométrica deve manter-se contínua, enquadrando-se dentro das tolerâncias especificadas no projeto da mistura.

Controle de temperatura:

São efetuadas medidas de temperatura, durante a jornada de 8 horas de trabalho, em cada um dos itens abaixo discriminados:

- do agregado, no silo quente da usina;
- do ligante, na usina;
- da mistura, no momento da saída do misturador.

As temperaturas podem apresentar variações de $\pm 5^{\circ}\text{C}$ das especificadas no projeto da mistura.

6.5 Controle das Características da Mistura

Devem ser realizados ensaios Marshall em três corpos-de-prova de cada mistura por jornada de oito horas de trabalho (DNERME 043) e também o ensaio de tração por compressão diametral a 25°C (DNER-ME 138), em material coletado após a passagem da acabadora. Os corpos-de-prova devem ser moldados in loco, imediatamente antes do início da compactação da massa.

Os valores de estabilidade, e da resistência à tração por compressão diametral devem satisfazer ao especificado.

Cuidados especiais deverão ser tomados com o controle para prevenir o envelhecimento precoce. O laudo técnico de controle tecnológico e o resultados dos ensaios realizados deverão ser emitidos conforme as exigências e normativas do DNIT.

6.6 Equipamentos e Pessoal Treinado

- Moto Niveladora;
- Rolo Vibratório;
- Vibro acabadora;
- Usina de asfalto;
- Caminhão basculante;
- Tanque estacionário – Caminhão;
- Operador Trator;
- Servente;
- Encarregado de Pavimentação;
- Encarregado de Usina;

7 SINALIZAÇÃO

O Projeto de sinalização está fundamentado nas normas e especificações contidas no Manual de Sinalização Rodoviária - DNIT, 2010; composto em especial por sinais em placas e painéis, marcas viárias e dispositivos auxiliares, que constitui-se num sistema de dispositivos fixos de controle de tráfego que, ao serem implantados nas rodovias, ordenam, advertem e orientam os seus usuários.

Na elaboração do projeto foram considerados um conjunto de fatores que compõem o ambiente rodoviário, tais como, características físicas da rodovia, velocidade operacional da via, Características da região atravessada pela rodovia (região plana, ondulada ou montanhosa), e por fim, o tipo e intensidade de ocupação lateral da via (uso do solo urbano ou rural).

O emprego de materiais, tanto na sinalização vertical quanto na horizontal, deve estar de acordo com Normas da ABNT para chapas, tintas, películas e dispositivos auxiliares (taxas e elementos refletivos), bem como as estruturas de madeira de seção quadrada (suporte ecológico) para sustentação das placas.

A velocidade adotada para a via é de 50 Km/h, e deverá ser seguido o padrão do projeto para execução da sinalização, além de atender as especificações do Manual do DNIT já citado anteriormente, referente a materiais, cores e demais itens pertinentes.

8 DIMENSIONAMENTO

8.1 OBRA

Muito embora não exista um método de dimensionamento com suporte teórico suficiente para determinar espessura do recapeamento betuminoso sobre pavimentos consolidados, utilizamos o Roteiro para dimensionamento de pavimentação asfáltica método do DNER e que é uma variante do critério do CBR.

Tendo em vista a fundamentação no critério do CBR, o método do DNER apresenta como modo de ruptura, o acúmulo de deformações plásticas causadas

pelos esforços de cisalhamento que ocorrem no subleito e demais camadas granulares do pavimento ao longo do período de projeto.

A presente especificação técnica descritiva visa estabelecer as normas e fixar as condições gerais e o método construtivo que deverão reger a execução da pavimentação asfáltica com C.B.U.Q. (Concreto Betuminoso Usinado a Quente), bem como do projeto de pavimentação elaborado para a Estrada São Caetano.

Os gabaritos de todas as vias públicas foram previamente definidos e determinados pela legislação municipal vigente, levando em consideração os fatores locais, tais como a capacidade de tráfego, pesquisas geotécnicas e geológicas, cadastramento, capacidade da rede viária e parâmetros urbanísticos referentes à população residente na área, densidade demográfica, distribuição da população economicamente ativa e fluxos residência-emprego-residência.

8.2 OBRA

Fora utilizado o método empírico de dimensionamento de pavimentos flexíveis do DNIT (Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes), que roteiriza o processo em função dos seguintes fatores:

- Capacidade do subleito (CBR);
- Número equivalente de operação de eixo padrão (N);
- Espessura total do pavimento durante um período de projeto.

8.2.1 DADOS DE TRÁFEGO

- Devido a pavimentação deste trecho ser executada com o intuito de implantação de um britador e usina de asfalto municipal e o principal volume de trânsito será para o atendimento destes equipamentos, seguiremos os percentuais abaixo, pois hoje o volume é mínimo e não condiz com a demanda próxima.

- 30 caminhões por dia – A distância do centro da cidade ao local da pedreira é de 15 km, portanto demanda aproximadamente uma hora de viagem para ida, volta e descarga (8 viagens por dia).

- 10 carretas 1 viagem por dia;
- Carros para acesso 50 carros dia;
- Período de projeto: 10 anos;
- Veículos 2 eixos: 10%;
- Veículos 3 eixos: 30%;
- Veículos 4 eixos: 60%;

8.2.2 COMPOSIÇÃO DO TRÁFEGO

$$V_m = \frac{V_0 \times (2 + P \times t)}{2}$$

Sendo:

Vo: Volume inicial de tráfego;

P: Vida útil ou período de projeto (anos), mínimo 10 anos;

t: Taxa de crescimento anual, 5% ao ano;

$$V_0 = (50 + 30 \cdot 8 + 10)$$

$$V_0 = 50 + 240 + 10$$

$$V_0 = 300$$

$$V_m = (300 \times (2 + 10 \cdot 0,05)) / 2$$

$$V_m = 375 \text{ veículos por dia}$$

FATOR DE EIXO (FE)

$$FE = (P_2/100) \times 2 + (P_3/100) \times 3 + \dots (P_n/100) \times n$$

Sendo:

P2 = Porcentagem de veículos de 2 eixos;

P3 = Porcentagem de veículos de 3 eixos;

Pn = Porcentagem de veículos de n eixos;

$$FE = (10/100) \times 2 + (30/100) \times 3 + (60/100) \times 4$$

$$FE = 3.5$$

Tabela 1 – Fator de equivalência estrutural (FEC)

Eixo Simples Carga por eixo (tf)	FEC - fator de equivalência estrutural (f)	Eixo em Tandem Carga por eixo (tf)	FEC - fator de equivalência estrutural (f)
1	0,0004	1	0,001
2	0,004	2	0,002
3	0,02	3	0,005
4	0,05	4	0,01
5	0,1	5	0,02
6	0,2	6	0,06
7	0,5	7	0,1
8	1	8	0,2
9	2	9	0,4
10	3	10	0,6
11	6	11	0,7
12	9	12	1,3
13	15	13	2
14	25	14	3,1
15	40	15	4
16	50	16	6
17	80	17	7
18	110	18	10
19	200	19	15
20	260	20	20
		21	30
		22	35
		23	45
		24	55
		25	70
		26	80
		27	100
		28	130
		29	160
		30	190

Tabela 2 – Peso Máximo por eixo

Os “Pesos Máximos por Eixo” conforme definição da Resolução nº 210/06 do CONTRAN são apresentados a seguir:

EIXO ou CONJUNTO DE EIXOS	RODAGEM	SUSPENSÃO	ENTRE-EIXOS (m)	CARGA (kg)	TOLERÂNCIA (7,5%)
Isolado	simples	direcional	-	⁽¹⁾ 6.000	6.450
Isolado	simples	direcional	-	⁽²⁾ 6.000	6.450
Isolado	dupla	-	-	10.000	10.750
Duplo	simples	direcional	-	12.000	12.900
Duplo	dupla	tandem	>1,20 ou ≤ 2,40	17.000	18.280
Duplo	dupla	não em tandem	>1,20 ou ≤ 2,40	15.000	16.130
Duplo	simples+dupla	especial	< 1,20	9.000	9.680
Duplo	simples+dupla	especial	>1,20 ou ≤ 2,40	13.500	14.520
Duplo	Extralarga ⁽⁴⁾	pneumática	>1,20 ou ≤ 2,40	17.000	18.280
Triplo ⁽³⁾	dupla	tandem	>1,20 ou ≤ 2,40	25.500	27.420
Triplo ⁽³⁾	Extralarga ⁽⁴⁾	pneumática	>1,20 ou ≤ 2,40	25.500	27.420

⁽¹⁾ Para rodas com diâmetro inferior ou igual a 830 mm.

⁽²⁾ observada a capacidade e os limites de peso indicados pelo fabricante dos pneumáticos e diâmetro superior a 830 mm.

⁽³⁾ aplicável somente a semi-reboques.

⁽⁴⁾ pneu single (385/65 R 22,5) aplicável somente a semi-reboques e reboques conforme a Resolução nº 62 de 22/05/98 do CONTRAN. A utilização de outros tipos de pneumáticos "single" estará sujeita à Autorização Provisória Experimental - APEX (art. 2º da Resolução Nº 62).

Tabela 3 – Fator de carga (FC)

Eixo Simples - Carga por Eixo (ton)	%(a)	Fator de Equivalencia (b)	Equivalencia de Operações	Veículos
<5	10,00%	0,05	0,5	
Eixo Tandem Carga por Eixo (ton)	%(a)	Fator de Equivalencia (b)	Equivalencia de Operações	Veículos
12	30,00%	1,3	39	
17	60,00%	7	420	
	0,00%		0	
Soma	100,00%		459,5	

Portanto: $FC = \frac{\text{Equivalência de operações}}{100}$

→ $FC = 459.5/100$

→ $FC = 4.595$

Tabela 4 – Fator climático regional (FR)

Altura média anual de chuva (mm)	Fator climático regional (FR)
Até 800	0,7
De 800 a 1500	1,4
Mais de 1500	1,8

Conforme dados pluviométricos do IAPAR, em 2014, Pato Branco teve uma altura anual de chuva de 2334 mm, desse modo deve – se adotar o fator regional igual a 1,8.

$$N = 365 \times P \times V_m \times FE \times FC \times FR$$

$$N = 365 \times 10 \text{ (anos)} \times 375 \times 3,5 \times 4.595 \times 1,8 \text{ (mais de 1500 mm/ano)}$$
$$N = 3.96 \times 10^7$$

9 DISPOSIÇÕES FINAIS

Este memorial deve ser respeitado e qualquer mudança nas características dos materiais ou forma de execução dos serviços, não deve ser feita antes de consultar o responsável pela elaboração deste memorial.

Santo Antonio do Sudoeste, 12 de Dezembro de 2022.

Felipe Andrade Blick
Engenheiro Civil
CREA-PR: SC-1192846/D